

Um novo tempo, tempos de isolamento social, de distanciamento e de luta pela defesa da vida em um país marcado por ausências de políticas e de enfrentamento da pandemia da COVID-19. Assistimos atônitos constantes “E daí” e, mais recentemente, o “Não dou bola”, como manifestações que reforçam o desprezo e menosprezo a vida, aliado a tudo isso a não clareza da política de vacinação da população do país, como, de fato tem acontecido em diferentes países do mundo e já iniciado em alguns coirmãos da região latino-americana.

O cenário da pandemia inscreve-se justamente num momento crucial e histórico da crise política e da democracia no Brasil. Ações políticas que reforçam e estrategicamente forjam e maquinam políticas de desmonte da Ciência e Tecnologia do país, das universidades públicas, da educação, de políticas sociais, do Sistema Único de Saúde (SUS) e reafirmação de privatizações como alternativas ditas econômicas para uma minoria da população e que boa parte poderá morrer à míngua. É neste contexto que estamos imersos e que vivemos, cada um da sua forma e de maneiras completamente diferentes, o isolamento e não muitas vezes o necessário distanciamento social, como uma das alternativas e recomendação para a defesa da vida.

A dimensão planetária da pandemia, deixa e deixará marcas históricas caso não sejamos capazes de refletirmos como nos relacionamos com nós mesmos, com os outros, o meio ambiente e como podemos pensar e narrar a vida em um mundo que nos exigirá ações outras de cuidado, autocuidado e atenção coletiva.

Implicada com este tempo e com suas manifestações, a *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB)* conclui o fatídico ano de 2020, com o lançamento do Dossiê *Narrati-*

*vas, pandemia e adoecimento social*, configurando-se como Edição especial, coordenado por Raquel Alvarenga Sena Venera da Universidade da Região de Joinville (Univille) e Camila Aloísio Alves da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP). O dossiê integra 16 textos, uma entrevista com Hervé Breton e uma resenha. Os textos apresentados no referido dossiê narrram experiências pessoais sobre o isolamento, seus impactos nos mundos do trabalho, da saúde, da vida cotidiana e dos arranjos construídos para seguirmos vivendo, reinventando processos individuais, sociais e educativos em tempos tão difíceis e sofridos.

Leituras de contexto e conjuntura aliadas às experiências pessoais, docentes e do trabalho remoto e suas reinvenções, de coletivos e de alternativas que aconteceram em momentos iniciais da pandemia são partilhadas no dossiê e que nos possibilitam reflexões sobre memórias, acontecimentos, doença-saúde, morte-vida e resistências como atitude biográfica e (auto)biográfica.

A seção “Artigos” é composta por oito textos que tematizam dimensões metodológicas e de práticas de formação, compreendendo a expansão da biografia, movimentos e aberturas que se colocam, além de discussões sobre biograma para a construção e/ou estudo de trajetórias pessoais. A seção avança com artigos que discutem questões relacionadas à formação continuada, desenvolvimento profissional docente no cenário da residência pedagógica. Ganha destaque também estudos que abordam aspectos sobre memória, narrativas e imigração, autismo e narrativas de uma professora-mãe, e histórias de vida de estudantes que são filhos de catadores de material reciclável e encerra com narrativas de professores sobre educação ambiental.

A seção inicia com o texto *Expansão biográfica na pesquisa educacional. Movimentos e aberturas metodológicas* (La expansión biográfica en investigación educativa. Movimientos y aperturas metodológicas), de autoria de Luis Porta, ao compartilhar experiências empreendidas no Grupo de Pesquisa em Educação e Estudos Culturais da Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina, possibilitando-o ampliar compreensões sobre a pesquisa narrativa e modos como têm utilizado em programas de formação no campo acadêmico, com ênfase nos modos de apropriações, implicações práticas e diversificação metodológica.

O artigo de Raimundo Vagner Leite de Oliveira, intitulado *O biograma como referencial teórico-metodológico para construção de trajetória de vida-científica na educação musical*, centra-se na análise da trajetória de vida-científica de pesquisadores da área da Educação Musical, adotando-se o biograma como dispositivo de pesquisa, constituído a partir dos dados coletados no Currículo Lattes dos colaboradores do estudo.

Fábio Jorge de Souza Molinário e Dinah Vasconcellos Terra, no texto *Formação continuada de professores de educação física no programa de residência docente*, objetivam compreender questões concernentes ao conhecimento profissional relacionado aos professores experientes e iniciantes no Programa de Residência Docente (PRD) do Colégio Pedro II. Discutem aspectos voltados para o início da docência, seus dilemas, dificuldades e modos como narrem suas experiências de vida-profissão.

No texto *Desconstruindo a história de uma experiência em sala de aula: serendipidade emocional* (*Deconstruyendo el relato de una experiencia en el aula: serendipia emocional*), María Inés Blanc socializa experiências da prática de autoavaliação com um estudante de Geografia no campo do estágio supervisionado, através de ações de (auto)reflexão media-

das por histórias formativas e de experiências docente através de relatos (auto)biográficos e da auto-etnografia.

O artigo *Histórias de vida de imigrantes portugueses no rio de janeiro*, escrito por Miriam de Oliveira Santos, analisa histórias de vida de imigrantes portugueses estabelecidos na zona rural da cidade do Rio de Janeiro, indicando pistas e revelando elementos sobre processos de imigração e histórias de vida de imigrantes.

Simone de Paula Rocha Souza e Elni Elisa Willms, no texto *Narrativas autobiográficas em educação: percepções de uma professora-mãe sobre o autismo*, narram experiências implicadas e sensíveis da professora-mãe sobre o autismo, ancorando-se em princípios fenomenológicos e contribuições da educação de sensibilidade, possibilitando-as abordar questões atinentes ao diagnóstico e suas contradições, desafios educacionais, processos terapêuticos e o brincar como dimensões e modos de estar no mundo.

O artigo *Narrativas de estudantes, filhos de catadores de materiais recicláveis, suas famílias e as relações estabelecidas*, de Cláudia Moraes da Costa Vieira, socializa narrativas e histórias de estudantes filhos de catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal e suas relações com a escola, centrando-se nas narrativas das crianças sobre a família e suas relações. As autoras desenvolvem a ideia de autoecobiográfico, mediada pela participação em oficinas, pela observação participante e realização de entrevistas, revelando modos como vida-trabalho-família se entrelaçam como forma de sobrevivência e de afetos.

A seção é concluída com o texto *Educação ambiental: atendimento aos objetivos da PNEA na formação de professores*, escrito por Josildo Lima Portela e Maria Divina Ferreira Lima, quando analisam questões voltadas para a incorporação de princípios e diretrizes da Políti-

ca Nacional de Educação Ambiental (PNEA) nos cursos de formação inicial de professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Adotaram a entrevista narrativa como dispositivo de pesquisa com professores das licenciaturas da UFPI, revelando lacunas na formação e minimização de discussões sobre educação ambiental, destacando necessidade de investimentos e aprofundamento de discussões no contexto da formação inicial e continuada.

Encerra o número a resenha do livro *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Sousa Santos, escrita por Francisco Varder Braga Junior, quando apresenta ideias do autor sobre o cenário atual da pandemia, crises contemporâneas e suas relações com pandemias e a atual que vivemos, bem como o que e de que forma aprendemos e podemos aprender com o vírus. Daí, a emergência e ideia da pedagogia do vírus como instância educativa e de reinserção do *vírus humano* como construtor ou destruidor da própria vida.

Ao publicarmos essa Edição especial da *RB-PAB*, voltada para reflexões sobre a pandemia, mas também sobre como nos relacionamos com esse cenário, intencionamos que reflexões outras possam emergir das leituras e de escritas tantas que são construídas e narradas no cenário de isolamento e de distanciamento social que fomos e estamos obrigados a viver.

Que o bicho “homem” consiga se humanizar e construir a vida de formas outras, em que memórias e histórias tenham sentidos

e potências para reinvenções da existência, cujas narrativas guardam em si e ecoam por um mundo mais solidário, menos estratificado, não excludente, menos apropriador da natureza, mais coconstrutor. Um mundo que ainda é possível e que nos obriga a nos colocarmos num lugar de caminhante com, não de dominadores e destruidores do que ainda existe. Um mundo onde viver, educar, cuidar e narrar tenham sentidos e garantam vida digna para todos.

Que a pandemia e suas narrativas nos ensinam a compreender a memória-história, a vida-narrativa, a vida-morte como dimensões de cuidado e autocuidado, como aberturas que são necessárias para reinvenções da vida e da arte existencial da vida como singularidades e comunalidades. O vírus é vida e guarda em si mistérios, resistências, mutações, desafios, cuidados, isolamento, distanciamento, aproximações e aprendizagens biográficas. Não nos esqueçamos que somos instados a pensarmos sobre o mundo que construímos e o mundo -ambiente-saúde que desejamos.

Outras histórias e narrativas virão, que venha o ano de 2021 com todos os seus desafios, as metas narrativas que muito questionamos e as micro-histórias e memórias que tanto nos impulsionam no campo dos estudos (auto)biográficos e de suas redes de pesquisa-formação existencial. Um novo ano!!! Novas e potentes aprendizagens biográficas cruzadas e em redes de colaboração acadêmico-formativas.

Terra, dezembro de 2020.

Elizeu Clementino de Souza  
Comissão Editorial